Carne e dendê: Um estudo sobre o animal nas religiões de matriz africana e sua relação com o vegetarianismo/veganismo no Brasil.

Carne y aceite de palma: un estudio sobre el animal en las religiones africanas y su relación con el vegetarianismo/veganismo en Brasil.

Juliana Aparecida Zani Nasser.

Resumo

Esta pesquisa aborda a importância da sacralização dos animais e do uso de carne/sangue animal em três espaços religiosos africanos no Brasil (um de Umbanda Traçada, um de Umbanda Sagrada e um de Candomblé da nação Ketu) localizados na cidade de São José do Rio Pardo, interior do estado de São Paulo. O estudo tem como objetivo investigar se existem alternativas de prática dessas religiões, abstenendo-se do uso de animais e do consumo de carne em espaços religiosos, inventariando as possíveis adaptações e significados por trás do uso de carne e animais, para entender como a carne/ o sangue/sacralização pode ser substituído ou ter outros rituais adaptados para reunir fiéis que não comem carne ou que não aceitam sacrifício de animais. O objetivo foi encontrar diferenças e semelhanças, através de pesquisa etnográfica, entre linhagens e fundações no que diz respeito à sacralização dos animais, ao consumo de carne e à sua adaptação, mesmo tendo em conta as atuais controvérsias em torno do uso/exploração de animais e do consumo de carne, juntamente com o debate sobre as novas sensibilidades que cercam o animal.

Palavras-chave: religiões de matriz africana – animais – sacralização – carne – sangue.

Resumen

Esta investigación aborda la importancia de la sacralización de los animales y el uso de carne/sangre animal en tres espacios religiosos africanos en Brasil (uno de la Umbanda Traçada, uno de la Umbanda Sagrada y uno del Candomblé de la nación Ketu) ubicados en la ciudad de São José do Rio Pardo, interior del estado de São Paulo. El estudio tiene como objetivo investigar si existen otras alternativas para la práctica de estas religiones, absteniéndose del uso de animales y del consumo de carne en espacios religiosos, inventariando las posibles adaptaciones y significados detrás del uso de carne y animales, para comprender cómo la carne/ la sangre/ la sacralización se puede reemplazar o adaptar otros rituales para reunir a los creyentes que no comen carne o que no aceptan sacrificios de animales. El objetivo fue encontrar diferencias y similitudes, a través de investigaciones etnográficas, entre linajes y fundaciones en cuanto a la sacralización de los animales, el consumo de carne y su adaptación, incluso teniendo en cuenta las controversias actuales en torno al uso/explotación de los animales y el consumo de carne, junto con el debate sobre las nuevas sensibilidades que rodean al animal.

Palabras clave: religiones de origen africano – animales – sacralización – carne – sangre.

1. Introdução.

Nas religiões de matriz africana no Brasil, o sacrifício animal e o consumo de carne têm papel fundamental e são muito presentes, partindo de um complexo edifício cosmológico no qual, na maioria das vezes, é por meio da *sacralização* - Termo que traz o verdadeiro sentido aos atos realizados nos ritos de matriz africana, que têm a responsabilidade de respeitar e reconhecer um ser como divino (Corrêa; Oliveira, 2021, p.126)- e do alimento cárneo que se obtém o *axé*¹- designado em nagô, como a força invisível, a força magico-sagrada de toda divindade de todo ser animado, de todas as coisas” (Bastide, 1961, p.84). É através de espécies de animais específicas, que são carregados com energia dos espíritos (axé), que se dará um processo em que o animal irá passar por etapas e rituais com fundamentos cosmológicos, para afinal servir

¹ É sabido que axé “designa em nagô a força invisível, a força magico-sagrada de toda divindade de todo ser animado, de todas as coisas” (Bastide, 1961, p.84).

de comida para o Orixá, entidades e para os fiéis/adeptos nos cultos: come-se para transmitir o *axé* às entidades às quais se reza – Orixás e espíritos ancestrais (Azevedo, 2015). Nesse sentido, pode-se dizer que a *sacralização* (usualmente denominada de “sacrifício”) de animais é uma prática comum na ritualística dos terreiros de matriz africana no Brasil (Junior, 2020, p.11).

O objetivo geral deste estudo é compreender a simbologia do animal e da carne, bem como suas possíveis adaptações no contexto das religiões de matriz africana no Brasil, para pessoas vegetarianas ou veganas que desejam adentrar nessas religiões e frequentar os terreiros. Também pretende abordar a posição das religiões de matriz africana que praticam a *sacralização* e o consumo de carne, mas que vêm se adaptando atualmente para acolher pessoas que não comem carne ou pessoas que escolhem não passar pelos rituais que envolvem *sacralização* de animais, buscando formas de substituir a carne e os rituais que se utilizam de animais. Parto do princípio de que não seria apostar na simples substituição do fundamento religioso do uso da carne na religião em sua totalidade, mas sim de buscar entender as adaptações que vêm sendo feitas para aqueles e aquelas que têm o intuito de adentrar nos terreiros como fiéis vegetarianos/veganos em busca de acolhimento, e em como esses mesmos terreiros os acolhem. Sendo assim, não se trata de mudar a tradição e o fundamento, mas sim de entender a forma como essas casas buscam adaptar seus métodos para abraçar essas pessoas e as novas sensibilidades e movimentos relativos aos animais do mundo atual.

A lógica dessas adaptações na *sacralização* animal e no consumo da carne por outras práticas e outros alimentos será abordada a partir da investigação de uma lógica classificatória (Douglas, 1976), que buscará evidenciar quais os conteúdos simbólicos que orientam as possibilidades de reflexão e de troca – ou seja: o que pode adaptar-se o que? – nos terreiros que têm permitido acolher cada vez mais fiéis vegetarianos e/ou veganos. Logo, a relação humano-animal a se considerar nesta prática religiosa não é apenas “dar voz, agência ou subjetividade ao não-humano, mas para nos forçar a repensar radicalmente estas categorias da nossa análise tal como pertencem a todos os seres” (Kirksey; Helmreich, 2014, p.563) – ou seja, trata-se de pensar os efeitos que as novas considerações sobre os animais têm tanto na simbologia desses seres e nas práticas associadas a eles nas religiões de matriz africana, quanto nos modos como as relações com eles se desdobram no mundo contemporâneo.

Para esta análise, além do material bibliográfico, utilizei do estudo etnográfico em três terreiros que se localizam na cidade de São José do Rio Pardo, no interior paulista, onde consegui mapear pelo menos 10 terreiros de religiões de matriz africana. Dentre eles, escolhi trabalhar com três, tendo como critério de escolha optar por três que compõem vertentes diferentes, sendo elas o candomblé, a umbanda traçada e a umbanda sagrada.

O primeiro é o terreiro “Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura”, de candomblé da nação Ketu. O segundo terreiro, denominado como “Tenda caboclo sete flechas”, segue a linha da umbanda traçada, religião na qual se verificam influências de outras práticas religiosas, sendo elas a umbanda (linhas de caboclos, pretos velhos e eres), a quimbanda (linhas de pomba-giras e exus) e o candomblé (linha de Orixás). E, por último, conhecido como “Templo de umbanda XV de novembro”, segue a linha de umbanda sagrada, fundada por Rubens Saraceni no Rio de Janeiro no início da década de 90, seguindo também os passos e os ensinamentos de Zélio Fernandino de Moraes, e que busca tanto os fundamentos do candomblé como também os fundamentos do espiritismo kardecista.

Foram realizadas dez visitas no total, sendo três no terreiro XV de novembro, três no Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura e quatro no terreiro Tenda caboclo sete flechas. Em todos fui recebida de forma muito acolhedora, sendo convidada para participar das festas e giras (cultos), e durante as visitas nos terreiros, participei de giras e fui atendida pelas entidades da casa; ademais, durante todo o processo todas as minhas perguntas foram respondidas de forma clara e respeitosa. A etnografia foi realizada durante os meses de setembro de 2023 e março e abril de 2024, também ocorrendo algumas entrevistas de forma online em alguns outros momentos.

Foram entrevistadas mais de dez pessoas, entre elas os pais e mães de santo, médiuns e frequentadores das casas de forma presencial e online.

A partir desta etnografia, os dados obtidos trouxeram contribuições de estudos antropológicos sobre relações entre humanos e animais (Vander Velden et al., 2019), além de oferecer uma análise da ritualística da *sacralização* animal, da carne e do sangue nas religiões afro-brasileiras, campo ainda relativamente pouco explorado. Tendo em vista a constatação de que a espécie animal e sua carne, tem uma história, além de assumirem diferentes significados em distintos contextos, este projeto almeja a análise da forma como as religiões de matriz africana estão em busca de adaptações ao uso da carne por conta de novas sensibilidades e subjetividades que penetram os terreiros atuais; a partir disso será discutida como funciona esta forma de adaptação, pois se, na própria carne, existem tantas simbologias, é certo que também há simbologias na sua adaptação.

2. Metodologia.

O método adotado por esta investigação é a pesquisa de campo etnográfica nos terreiros de umbanda sagrada, umbanda traçada e de candomblé em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo. Para tanto, foram priorizadas as técnicas de pesquisa qualitativa de campo, que se compõem de entrevistas etnográficas com os pais e mães de santos (incluindo filhos de santos e frequentadores) e da observação e participação das práticas religiosas, junto da captura de materiais visuais e conversas com pessoas que praticam a religião tanto no contexto dos cultos como fora deles. Junto a isso, em paralelo foi estudado um grande acervo bibliográfico pertinente sobre práticas culturais das três vertentes dessas religiões de matriz africana, como também sobre as novas sensibilidades que proliferam em torno do animal na atualidade. Além disso, também houve a consulta em sites e redes sociais relacionados aos movimentos veganos/vegetarianos e de religiões de matriz africana no geral.

3. Resultados

A carne e o sangue são elementos compostos de (força) *axé* que permitem a ligação com os seres e com a natureza e nosso planeta Terra, é a parte material da força vital do espiritual. Logo, quando utilizamos da carne ou do sangue em rituais, também está se utilizando do *axé*, está-se trazendo *axé* ao terreiro e para as pessoas e deidades ali presentes. A carne vai seguir o mesmo princípio: usada em pratos para Orixás e entidades, ela é consumida pelos médiuns e visitantes da casa com intenção da disseminação do *axé*. Entretanto, terreiros que não utilizam mais do corte de animais tem se tornado cada vez mais comum, um desses exemplos é o terreiro da *Ialorixá* Iya Senzaruban, vegetariana há 25 anos e mãe de santo do terreiro “Ilê Iya Tunde” há 50 anos, que pratica um tipo de candomblé sem corte. Em sua vida como mãe de santo ela acabou descobrindo uma forma de substituir, em sua alimentação e nos rituais, os animais e ingredientes de origem animal (Iya Senzaruban, 2010). De acordo com ela, demorou muitos anos para conseguir encaixar o candomblé com o vegetarianismo, porém afirma ser possível fazer as adaptações, tanto nas comidas destinadas aos santos, como também remover o sacrifício animal de vez da religião:

A proposta do candomblé sem corte/sangue é fazer de uma outra forma, sem prejudicar o tipo de energia que a gente trabalha, sem mudar muito. As mudanças são muito poucas. Não são eliminados os elementos da natureza, que é o que o candomblé trabalha, as forças da natureza, as mudanças que vão desde a comida de santo, que não usa nem camarão ou ovo, nada de origem animal (Iya Senzaruban, 2010).

Sendo assim, o animal é uma importante e muito usada oferenda aos Orixás, porém também existem outros tipos de oferenda às divindades, compostas por flores e frutos, havendo igualmente outros meios de descarregar uma pessoa (Robert, 2008, p.2). Pois a *sacralização* é uma forma de trazer energia, mas não é a única. A *Ialorixá* do terreiro Ilê Alaketu Asé Osun Ominwura fala: “Mas não é somente ele (o animal) que traz energia, bater palmas, macerar folhas e tomar banhos de ervas, tudo isso traz energias benéficas”; o pai de santo do Templo XV de novembro também afirmou: “É o elemento que você vai dar para a entidade que ela vai trabalhar, manipular e transformar em energia em nosso benefício”. Esses métodos, além de já serem parte dessas religiões, são utilizados por pessoas que não concordam ou não querem fazer a utilização do animal, são mudanças e adaptações que criam uma forma de levar a religião e abrir espaço para novas pessoas e para as novas sensibilidades em relação aos animais do século XXI.

Através da catalogação e classificação dos alimentos de origem animal e seus substitutos pode-se vislumbrar algumas lógicas classificatórias (Lévi-Strauss, 1997) presentes nos terreiros, entendendo quais alimentos vegetais podem substituir aqueles de origem animal e, assim, descortinar os processos de debate e reflexão que colocam, frente a frente, as religiões de matriz africana e os movimentos veganos/vegetarianos. Baseado nisso, achei três lógicas classificatórias: a primeira é a adaptação de acordo com o gosto particular de cada entidade; a segunda é adaptar aquele elemento exatamente com outro que carregue o mesmo significado espiritual, ou seja, o que vai ajudar a atingir o mesmo objetivo religioso; e a terceira é a lógica do que não deve ser adaptado, ou seja, aqueles elementos que não devem ser usados de jeito nenhum para cada entidade específica, sendo as chamadas *quizilas*. Vale a pena apontar também que, dentro desses três critérios, existe a coisa mais importante que rege todas essas categorias de acordo com minha pesquisa de campo, e esse critério é a fé e a coração, pois são estes que irão, afinal, dizer se a adaptação vai funcionar ou não.

De acordo com o terreiro Tenda caboclo sete flechas, há formas de substituir e adaptar todos os processos que usam carne animal, pois comidas de origem vegetal também trazem um “combustível astral” que é considerado uma espécie de sangue verde do reino vegetal, e que são utilizadas em rituais e defumações (Ramos, 2011). Essa substituição tem que acontecer entre duas coisas que simbolizam a entidade que será cultuada, ou seja, um elemento de que ela goste: no caso da Pomba-gira, a galinha pode ser substituída por ameixas em conserva, flores e frutas cristalizadas, pois essas coisas representam as Pombas-giras; já para o prato de Ogum Xoroque, por exemplo, em que vai carne, pode-se, no lugar da carne, colocar-se inhame, folha de café, azeite, pimenta e batata-doce, pois estes também são elementos de Ogum.

A segunda forma de adaptação é sempre prestar atenção no significado espiritual de cada elemento que será usado nos trabalhos. Um exemplo dado por Carol, filha de santo do terreiro Caboclo sete flechas, é que se você quer fazer um trabalho de *quebra-demanda* (Quebrar energias ruins e fluidos negativos que foram direcionados a pessoa.), o certo é você substituir o elemento carne por elementos que ajudem com o objetivo de quebrar demandas, ou seja, você pode utilizar, um *padê* com pimenta, sal grosso, limão, ou utilizar dos elementos como pó de ferro e a erva *abre-caminho* (Erva conhecida popularmente por abrir os caminhos espirituais e trazer proteção.). Todos esses elementos podem ser substitutos para a carne, pois, além de trazer uma energia principal no prato, são elementos utilizados como *quebra-demanda*.

A terceira forma de adaptação é aquilo que não se deve adaptar, que é basicamente não oferecer aqueles alimentos ou elementos que a deidade não gosta ou pelos quais tem aversão. Denominados como *quizila*, aparecem através dos *itãs* e dos fundamentos da casa e devem ser respeitados, pois não faz sentido dar algo ao que a entidade tem aversão, alguns exemplos são: *Quizila* de Oxalá com o elemento cachaça, oxalá foi encarregado pela construção do mundo (terra), porém Exu teve inveja e o embriagou com *marafó* (Cachaça.), para que Oxalá não cumprisse sua tarefa, por conta disso até os dias atuais não se coloca cachaça para Oxalá.

Mesmo com os exemplos dentro da lógica classificatória que encontrei, o pai de santo do terreiro XV de novembro afirma que o importante é a intenção, que mesmo que uma escolha de adaptação eventualmente desrespeite as três lógicas de classificação que venho apresentando aqui, que você substitua algo por outra coisa que não simbolize exatamente a entidade, o ritual pode funcionar – por exemplo a farofa de coco, que não simboliza o marinheiro, mas que pode ser oferecida a ele: muitas vezes, em giras de baianos, o marinheiro acaba vindo, e ao cumprimentá-lo e se oferecer a farofa para ele, como forma de agradecimento, ele também come, pois a gratidão também é energia, ela é colocada no prato, e esse sim é o elemento principal dos alimentos entregues as deidades. Ou seja, você pode dar um prato complexo e totalmente conforme os critérios tradicionais, ou uma vela e um copo d'água: os dois, com a gratidão e intenção, serão igualmente recebidos, pois os dois terão o mesmo ingrediente, a fé.

Referencias

AZEVEDO, Janaína Leite de. Os alimentos sagrados. *In*: BERNI, Rodrigo; GARRIDO, Bibiana; MOIA, Marina. **Comer com os deuses: a alimentação na religião do Candomblé**. REPÓRTER UNESP, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://reporterunesp.faac.unesp.br/2015/07/03/comer-com-os-deuses-a-alimentacao-na-religiao-do-candomble/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: Rito nagô**. São Paulo: Editora S.A, 1961. v. 313.

CORRÊA, F. B.; OLIVEIRA, M. C. **Sacralização e alimentação: uma reflexão sobre a RE 494601 e as religiões de matriz africana**. Revista Mangút: Conexões Gastronômicas. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 124-142, jun. 2021.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

IYA SENZARUBAN, **Candomblé Vegetariano: Mais uma entrevista de Iya Senzaruban**. Ileyatunde, 28 nov. 2010. Disponível em: <https://ileiyatunde.blogspot.com/>. Acesso em: 4 maio 2023.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O CORTE: provocações sobre o abate religioso**. São Paulo: Pluralidades, 2020.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus. 1997

RAMOS, J. D. **A (cosmo)lógica das relações humano-animais nas religiões afro-brasileiras**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 17, n. 42, 2016. DOI: 10.22456/1984-1191.69983. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/69983>

ROBERT, Yannick Yves Andrade. **Sacrifício de animais em rituais de religiões de matriz africanas**. Relatório de Iniciação Científica, Departamento de Direito – PUC-Rio, 2008.

VANDER VELDEN, Felipe; SANCHEZ, Gabriel; FANARO, Luisa; MORENO, Sarah; SANTOS, Bruno. **Tudo que respira, conspira**. Introdução ao dossiê Socioanimalidades plurais: animais e humanos nas Ciências Sociais. Florestan, v. 7, p. 06-11, 2019.